

Mulheres

nas

eleições

2010

José Eustáquio Diniz Alves
Céli Regina Jardim Pinto
Fátima Jordão
Organizadores

Comportamento, percepções e tendências do eleitorado brasileiro

Marlise Matos

O Eixo 1 da Pesquisa do Consórcio Bertha Lutz teve como objetivo central buscar um amplo entendimento sobre as percepções da opinião do eleitorado brasileiro, neste período tão especialmente importante para as mulheres que foram as eleições presidenciais de 2010.

Explorando questões de cunho valorativo, cultural e institucional, mas com foco principalmente nos aspectos vinculados às escolhas eleitorais e às dimensões dos valores que se inserem em nossa cultura, os artigos deste Eixo procuram compreender melhor, dentro dos diferentes perfis sociodemográficos do nosso eleitorado, as opiniões, os valores e as intenções de voto. São exploradas, ainda, as distintas percepções do eleitorado quanto a determinadas formas de expressão do conservadorismo político brasileiro, dos seus padrões de associativismo e dimensões específicas do processo político-eleitoral ligadas a gênero. Neste último aspecto, foram amplamente examinadas as variáveis sociodemográficas populacionais em sua dinâmica de relação com visões específicas vinculadas ao tradicionalismo e aspectos valorativos específicos em termos de sexo/gênero e feminismo.

Também foi nosso objetivo entender o processo de formação das decisões e intenções de voto, procurando reconhecer alguns de seus determinantes para o ano de 2010. A apreciação do comportamento do/a eleitor/a se deu a partir de análises, sobretudo, quantitativas, por meio da realização de uma pesquisa de opinião, com questionário estruturado por nossa equipe de pesquisa e levado a campo em setembro de 2010, pelo Instituto Ibope Inteligência, sendo complementada por análises qualitativas, com a formação de grupos focais realizados nas cidades de São Paulo e Salvador em dois momentos (antes do 1º turno eleitoral e entre o 1º e o 2º turnos).

O *survey* com representatividade nacional foi aplicado a uma amostra de 2.002 eleitores, com um questionário desenhado especificamente para tentar quantificar estas relações, com cerca de 40 perguntas, muitas subdivididas em vários subitens.

Foram realizados 16 grupos focais: oito antes do 1º turno, em setembro de 2010; e oito entre o 1º e o 2º turnos, em outubro, nas cidades de São Paulo e Salvador. Foram separados grupos de homens e mulheres com faixas etárias entre 18 e 29 anos e de 45 a 60 anos. Também utilizaram-se, como fontes de análises sobre o comportamento eleitoral brasileiro, 63 pesquisas nacionais de intenção de voto para a Presidência da República, sendo 45 no 1º turno e 18 no 2º. Estas enquetes foram produzidas pelos quatro principais Institutos de Pesquisa do país (Datafolha, Ibope, Sensus e Vox Populi), sem nenhum vínculo com o Consórcio Bertha Lutz.

Nesta primeira parte do livro encontram-se três artigos que pretendem explorar os principais resultados quantitativos do Eixo 1. Em “Diferenças sociais e de gênero nas intenções de voto para presidente em 2010”, de José Eustáquio Diniz Alves, busca-se “relacionar a evolução das intenções de voto com a construção política das candidaturas à Presidência da República, percorrendo uma linha do tempo com os principais fatos políticos que possibilitaram a reversão das tendências eleitorais de janeiro a setembro, os fatores que impediram uma decisão no primeiro turno e os determinantes do resultado final no segundo turno. Será dado destaque para o diferencial de intenções de voto entre homens e mulheres e para as questões de gênero que perpassaram o debate eleitoral”. A análise destas pesquisas possibilitou traçar um quadro longitudinal das intenções de voto ao longo do ano, considerando-se as variáveis sexo, idade, educação, renda e região. Alguns resultados do artigo merecem destaque, a exemplo da constatação empírica de que os escândalos de corrupção envolvendo a ministra da Casa Civil, Erenice Guerra, tiveram forte impacto nas intenções de voto em Dilma. Os dados também ressaltam que foram as mulheres que impossibilitaram a decisão da eleição presidencial no primeiro turno. Destaca-se ainda que, durante o mês de outubro, prevaleceu a maior força eleitoral da coligação “Para o Brasil seguir mudando” e as intenções de voto, no final de daquele mês, já mostravam vitória de Rousseff no eleitorado de ambos os sexos, mas com um predomínio entre os homens. Também foi possível evidenciar que, mesmo havendo duas mulheres disputando a Presidência da República, a discussão de gênero não fez parte dos assuntos principais da campanha e muito menos uma pauta realmente feminista esteve presente.

O texto de Marlise Matos e Marina Brito Pinheiro – “Dilemas do conservadorismo político e do tradicionalismo de gênero no processo eleitoral de 2010: o eleitorado brasileiro e suas percepções” – traz a inovação de recrutar evidências empíricas da presença ainda atuante no país de padrões de conservadorismo político e de tradicionalismo de gênero, os quais são tomados, no estudo, como elementos valorativos/morais importantes nas percepções dos/as eleitores/as brasileiros/as. O artigo inicia-se com um debate teórico a respeito do processo que, segundo as autoras, estaria em curso também no Brasil, de destradicionalização e modernização societária e política. Reconhecendo que as “eleições presidenciais de 2010 no Brasil (...) tiveram um contorno muito peculiar nos dois sentidos valorativos/normativos que os indicadores aqui construídos procuram mensurar, os quais podem funcionar como categorias explicativas importantes de parte dos desdobramentos presenciados, sobretudo no segundo turno, que, apesar de um contexto normativo muito adverso (...), culminaram na eleição da primeira mulher presidenta do Brasil”, as autoras constroem um conjunto sistematizado de indicadores que visaram mensurar estes tipos específicos de sensibilidade e percepção junto ao eleitorado brasileiro. Elas afirmam que os índices “construídos foram capazes de identificar eleitores/as brasileiros/as com percepções fortemente conservadoras em termos políticos e percepções fortemente tradicionais em gênero, raça e sexualidade (ou com as duas percepções juntas), sendo este grupo responsável, no Brasil, por manter e perpetuar uma sociedade politicamente anti-igualitária e antidemocrática”. Muitas de suas conclusões podem abrir espaço para discussões teóricas e empíricas ricas a respeito dos desdobramentos de avanços democráticos em contextos de transformação valorativa ainda não efetivamente consolidados e/ou constituídos como parece ser o caso do Brasil. Assim como a literatura trata, padrões de percepção conservadores e tradicionais costumam se constituir em fortes obstáculos a uma agenda de inclusão de minorias e, neste caso, uma efetiva agenda para incluir mais mulheres nos espaços de poder. Destaca-se, no artigo, a importância de se ter em conta a presença destes padrões normativos conservadores quando se pretende afirmar ou construir explicações acerca da sub-representação parlamentar das mulheres brasileiras.

Finalmente, o artigo “Quem vota em quem: um retrato das intenções de voto nas eleições para presidente em setembro de 2010”, de Suzana Cavenaghi e José Eustáquio Diniz Alves, de modo inovador para este tipo de estudo no Brasil, destaca o conjunto de fatores determinantes das intenções de voto do/a brasileiro/a. Reconhecendo que o “processo

de decisão do voto em eleições para cargos executivos pode ser influenciado por uma série de características individuais dos eleitores, como geração a que pertence, gênero, escolaridade, classe social (ou renda), por variáveis comportamentais resultantes de crenças, ideologias, religiões e outras características culturais, assim como por características individuais dos candidatos (honestidade, credibilidade, simpatia, aparência física, sexo, experiência, inteligência, entre outras)”, os autores vão buscar “quantificar algumas destas complexas relações”. Este esforço é levado a termo a partir das questões do mesmo *survey* da pesquisa do Consórcio Bertha Lutz, sendo que Cavenaghi e Alves estimam por meio de modelagem estatística multivariada, com o uso de modelos de classificação em árvore e modelo logístico multinomial, qual foi o peso tanto de características individuais dos eleitores, quanto de posturas ideológicas e políticas destes afetando suas escolhas. Sendo a variável dependente nas análises multivariadas a intenção de voto, inicialmente, nos modelos de classificação em árvore, foram definidas quatro categorias, que incluíram os três candidatos mais votados e uma categoria englobando todas as demais respostas dadas (1% de outros candidatos, “não sabe”, “não responde”, brancos e nulos). Num segundo estágio de análise, a partir de modelagem logística multinomial e utilizando somente os dados de intenções de voto nos três candidatos mais votados (o que compreende a resposta de 1.660 eleitores), são feitas comparações entre os candidatos, empregando um deles como categoria de referência (comparação). Nas conclusões, os autores destacam o fato de que “o perfil da distribuição dos votos de Dilma Rousseff teve uma grande semelhança com os votos que o ex-presidente Lula teve nas eleições de 2006” e também que a candidata do PT na época, hoje nossa presidenta eleita – “mesmo apresentando elevados índices de apoio em todos os segmentos sociais nas eleições de 2010 – teve uma maior proporção de intenções de voto entre os eleitores de baixa renda, os de menor escolaridade, os homens, aqueles que se declaram católicos, os adultos de 25 a 59 anos e os moradores das Regiões Norte e Nordeste do país. Ou seja, o eleitorado de Dilma Rousseff, em 2010, tinha grande semelhança com o eleitorado de Lula, em 2006”. Assim, “o modelo logístico multivariado mostrou que a variável com maior poder de explicação da intenção de voto declarado para a Presidência da República foi se o eleitor votaria em candidato indicado pelo presidente Lula. O carisma do ex-presidente e os bons índices da avaliação do governo reforçaram o desejo de continuidade da administração anterior”.

Como é possível observar – e será ainda mais rica a contribuição quando lidos os respectivos artigos aqui muito rapidamente resenhados –, os três estudos referentes a esta parte dos resultados de pesquisa do Consórcio Bertha Lutz trazem, para o campo da ciência política brasileira, tanto inovações teóricas quanto empíricas no tratamento do tema geral da sub-representação feminina. Ao escrutinarem o comportamento eleitoral, as percepções valorativas e as intenções de voto do eleitorado brasileiro, estes estudos trazem à luz da produção nacional elementos novos e criativos, a partir dos quais novas pesquisas e levantamentos clamam para serem realizados. Como sabemos, a campanha eleitoral brasileira de 2010, apesar de eleger a primeira mulher na nossa história para a Presidência da República, esteve eivada de denúncias, “provas documentais” e debates inflamados. Nestes três artigos é possível identificar alguns dos principais elementos que foram (têm sido) responsáveis pelo fato indesejável de não elegermos mais mulheres no país, e isto a despeito de o tema ter estado nas frentes de disputa de inúmeros espaços discursivo-eleitorais. Infelizmente o resultado final das urnas, entendendo a presença determinante dos múltiplos fatores aqui rapidamente delineados – e que poderão ser vistos nos demais estudos desta coletânea –, vão ratificar a ainda onipresente condição de subordinação política das mulheres brasileiras.